

DIGRESSÕES EPISTEMOLÓGICAS: SITUAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA, FENOMENOLOGIA E DIALÉTICA

Tiago Rodrigues Moreira¹

SERPA, Angelo. Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019. 124p. ISBN: 978-85520-0159-1

É sabido que às discussões sobre fenomenologia em Geografia vêm se destacando desde o final dos anos 1990 no Brasil. São muitos anos de produção e muito esforço epistemológico e metodológico em coadunar os diversos caminhos existentes no vasto campo em que a Geografia se adentra. Dentre os diferentes grupos e pesquisadores que têm se dedicado a esta tarefa (como o próprio GHUM), o professor Angelo Serpa é um daqueles que se destacam. Professor Titular de Geografia Humana da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tem orientado e produzido muitas pesquisas e oferecido valiosas contribuições, em especial a partir do Grupo Espaço Livre de

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas. tiagoufvjm@gmail.com.

✉ Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência - LAGERR, Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp. Campus 2. Rua Pedro Zaccaria, 1300, Limeira, SP. 13484-350.

POR UMA GEOGRAFIA DOS ESPAÇOS VIVIDOS

Geografia e Fenomenologia

Angelo Serpa



Pesquisa-Ação, por ele coordenado. Entre as premissas do grupo, está a articulação entre fenomenologia e dialética na valorização do cotidiano nos estudos geográficos.

“Por uma Geografia dos Espaços Vividos: geografia e fenomenologia” é um retrato de uma obra que foi marcada por digressões epistemológicas no seu fazer. É um livro inteiro que movimenta o leitor e a própria estrutura do pensamento. A sincronia que Serpa estabelece entre geografia, fenomenologia e dialética é tida como gloriosa, pois, as relações entre elas estão na produção situada do conhecimento geográfico.

Albergar os conceitos chaves da Geografia – lugar, paisagem, território, espaço e região – em um livro, traz uma densidade própria e um espraiamento de ideias, fazendo com que esses conceitos se tornem vivos a partir do cotidiano do ser-no-mundo. Essa obra nos brinda com um sumário diversificado e eclético, nos convidando para oito estadias em momentos diferentes de escrita e de leitura.

Dentre essas oito estadias, cabe aqui grifa-las: “Apresentação”; “Geografia e fenomenologia”; “Fenomenologia(s) da paisagem”; “Exercitando a fenomenologia da Paisagem”; “Crítica dialético-fenomenológica da paisagem contemporânea”; “Experiências do ser-no-mundo: lugar e território”; “Geografia dos espaços vividos: paisagem, lugar e região”; “Digressões lefebvrianas i: presença e ausência”; “Digressões lefebvrianas ii: o reino das sombras”.

Na “Apresentação”, Serpa antecipa em poucas palavras o que podemos encontrar na sua obra, esta apresentação tem por norte uma pergunta: “Por que um livro busca relacionar Geografia e Fenomenologia?” (p. 9) Pergunta essa, que acaba se tornando basilar e fundamental nas 114 páginas que se seguem. Entendendo a Fenomenologia como um retorno às experiências, e que a mesma se faz necessária para poder tecer críticas no caminho da Geografia, uma possibilidade que Serpa encontra, é a de atrelar fenomenologia e dialética, que na visão do autor é imprescindível no nosso tempo contemporâneo, com a finalidade de verificar as contradições e conflitos nos processos de produção, criação do espaço.

Em “Geografia e Fenomenologia”, Serpa prepara o terreno com as duas matrizes de seu pensamento, de um lado a fenomenologia, de outro a geografia humanista. O autor nos leva em direção à fenomenologia husserliana para posteriormente, nos apresentar os fenomenólogos Merleau-Ponty e Gaston Bachelard, afirmando que são autores basilares para pensar em questões do espaço, da experiência e do cotidiano.

Feito isso, o autor nos brinda em apresentar a geografia humanista, desde os anos 50 com os clássicos. Eric Dardel e sua geograficidade, John K. Wright e sua exortação pelas terras incógnitas, Yi-Fu Tuan fundamentando-se na obra de Bachelard, para propor uma geografia topofílica, que demonstraria o amor do homem pela natureza. Potencializa o discurso de Relph como um discípulo husserliano, afirmando que “os significados originais do mundo-vivido estão constantemente obscurecidos por conceitos científicos e adoção de convenções sociais (p. 15). Engendra as noções

de “lar” e “horizonte” ambos da geógrafa Buttimer, para a constituição de um lugar. Mas, para além disso, é notável uma postura de abertura no pensar do autor, ele propõe uma renovação para com os conceitos de lugar, paisagem, território e região, levando em consideração a dialética e a fenomenologia como uma relação que se faz construir no dia a dia.

Milton Santos (1996) registrou um fato intrigante, que a Geografia do final do século passado possuía um objetivo, o mesmo era o de superar as dicotomias existentes no fazer geográfico. Superar as dicotomias entre o universal e o particular, entre a subjetividade e a objetividade, entre a estrutura e a história (SANTOS, 1996). E, um dos instrumentos fundamentais que Santos (1996, p. 28) elege para tentar superar essas dicotomias é a fenomenologia, pois, para ele “a fenomenologia permite passar do universal ao particular, sem cair no risco de uma interpretação ‘coisista’, empiricista, indo além da coisa, do objeto, da materialidade do espaço”. Diante desse fato, Angelo Serpa constrói uma Geografia Humana arraigada da fenomenologia, como caminho e método para aparição do cotidiano e a pluralidade geográfica dos espaços vividos.

Nesse sentido, tomando por base as inquietações do geógrafo Milton Santos, algumas preocupações com o contemporâneo se tornam presentes no segundo capítulo, “Fenomenologias(s) da paisagem”, que acaba por desencadear os próximos capítulos “Exercitando a fenomenologia da Paisagem”; “Experiências do ser-no-mundo: lugar e território”. Angelo Serpa, busca com essa problemática consolidar o campo da “Geografia Humana dos espaços vividos”, e a abordagem da fenomenologia seria um substrato para fortalecer e criar ontologias deste campo. Afirma Serpa que as fenomenologias da paisagem são fenomenologias da forma e do movimento de sua transformação (p. 30).

Essas fenomenologias no plural enfatizada no título do capítulo significa dizer que não há apenas uma fenomenologia, e sim várias, e que nesse livro o desejo do autor é evidenciar que “além dos pontos em comum entre esses pensadores, – Edmund Husserl, Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre e Gaston Bachelard – as diferenças entre eles, que podem subsidiar caminhos fenomenológicos plurais e diversos” (p. 22). Desse modo, por se tratar de um caminho fenomenológico existencial, tanto a Geografia, quanto a paisagem assumem feições decididamente existencialistas e ontológicas, já que manifestam “presenças originárias” (p. 34).

No capítulo 3, emerge a possibilidade de exercitar o procedimento da redução husserliana, e de encarar a difícil tarefa de suspender os preconceitos, ainda mais se tratando de um trabalho de campo para problematizar a paisagem no contemporâneo. Uma tarefa que acontece em conjunto com a sua turma de mestrado, desvelando os atos intencionais das paisagens pelos alunos sentidas, afirma o autor que este é um exercício de suma conscientização dos integrantes da proposta, pois, perceberam que a paisagem está além dos dados absolutos ou externos ao ser

humano. Serpa encara a redução como uma “fórmula de uma filosofia existencialista” e que a mesma é radicalmente centrada nos seres humanos, e que a busca pela essência das coisas não é a meta, e sim o meio.

“Como construir uma crítica da paisagem contemporânea?” Pode-se dizer que essa é a pergunta norteadora do capítulo 4. Parte dessa inquietação do autor é fruto de uma palestra conferida por Milton Santos, no “II Encontro Nacional de Paisagismo” em 1995, que ao ir de encontro com as ideias lançadas pelo geógrafo, Serpa sentiu a necessidade de problematizar as questões da paisagem na contemporaneidade, afirmando que, no momento atual geográfico, ainda faltam discussões epistemológicas mais aprofundadas sobre o conceito de paisagem. Tentando então alçar voos epistemológicos, o autor bate na tecla de que o “visível” para formulação de um conceito de paisagem ainda é muito solicitado. Ou seja, “a palavra de ordem é investir em espaços públicos visíveis, sobretudo espaços centrais e turísticos” (p. 56). Ademais, a cidade contemporânea ainda é pensada literalmente pelo “visível” pelo que o outro vai denotar de aparição. Essa crítica que Serpa formula, é de grande valia aos estudos sobre paisagem e o sensível fenomenológico, pois, ela é construída sob as premissas de que para a construção de uma paisagem visível urbana se dá através dos arranjos socioespaciais políticos. Serpa alerta para a falta de intervenções paisagísticas nos bairros populares, uma vez que, os parques públicos transformaram-se em objetos de consumo, resultando em certas expressões de modismos. E para isso, é salutar uma interferência de nós, enquanto pesquisadores, direcionar nossas atitudes de forma crítica e ativa sobre as novas possibilidades de arranjos territoriais onde os lugares sirvam como pontos de apoio para a construção de paisagens e espaços mais cidadãos.

Os próximos dois capítulos que seguem no decorrer da leitura são componente um do outro, tanto “Experiências do ser-no-mundo: lugar e território” quanto “Geografia dos espaços vividos: paisagem, lugar e região” propõem uma investigação sobre a operacionalização dos conceitos geográficos, os entendendo da maneira que Marandola Jr. os compreende “modos geográficos de existência”.

As primeiras linhas vão à consonância ao que Dardel entende por Geografia “a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva [...] uma relação concreta liga o home à Terra, uma geograficidade do homem como modo de existência” (DARDEL, 2011, p. 1-2). Dito isso, tanto lugar, quanto território na visão de Serpa são remetidos à uma experiência geográfica, e sempre levando em si a marca do espaço vivido.

Há um encurtado tópico que versa sobre o corpo (re)inserido na cidade, é a consideração em que o corpo em movimento que permite a compreensão de como esse habita um espaço. Enfatiza que o corpo é “aberto e poroso ao mundo” como afirma Merleau-Ponty. Embora considere o que Harvey grifa que, sabendo que o corpo é aberto e poroso, na tradição ocidental dominante o mesmo não é encarado dessa maneira.

Tardiamente, o autor dedica um tópico para falar de “uma geografia dos espaços vividos”, frisando que é importante consolidar as bases com a abordagem dialética e fenomenológica das relações espaço-sociedade. Essa geografia

proposta pelo autor tem por proposto, ultrapassar a ideia de localização e organização do espaço, e abrir para uma admissão da complexidade dos processos de produção espacial. Encarando o método fenomenológico e dialético como caráter epistemológico e rejeitando a simplificação dos estudos de cunho morfológico ou ecológico. Para que possa assegurar um momento fenomenológico nas pesquisas de modo a revelar os paradoxos do cotidiano.

Serpa estabelece um esforço em problematizar tantos assuntos polêmicos e polissêmicos dentro da Geografia, ele possui uma maleabilidade em convergências e divergências epistemológicas de grande apressado, as movimentações aqui feitas, despejam na sua aposta, a aposta em “uma geografia dos espaços vividos” que alberga sentidos, cores, sensações, ausências, presenças.

Os dois últimos capítulos “Digressões lefebvrianas i: presença e ausência”; “Digressões lefebvrianas ii: o reino das sombras” não é à toa que ambos possuem de início a palavra “digressões” que significa ir para longe do lugar onde se estava, ou seja, ir para outro caminho, não que os mesmos não possam se cruzar, mas, em sentidos diferentes. É assim que encaro os dois capítulos derradeiros, como uma possibilidade de um novo assunto. Trazer Lefebvre em dois momentos, não deixa de ser uma marca de Angelo Serpa, embora sabemos da crítica existente dele – Lefebvre – para com a fenomenologia. Esses capítulos soam como possibilidade de uma tentativa de coadunar a fenomenologia com o pensamento lefebvriano.

Na primeira digressão, Serpa apresenta um dos livros de Lefebvre “A presença e a ausência” trazendo à baila a noção de representação no pensamento filosófico. Apostando em uma dialética não binária e sim triádica, pois se baseia no trio “Hegel, Marx e Nietzsche”.

Lefebvre em seu segundo livro apresentado por Serpa “O reino das sombras” demonstra algumas similaridades com o assunto desenvolvido nas páginas acima, como por exemplo, “vivido, cotidiano e brecha” todos em relação com o espaço e seus processos de produção/criação. Serpa aponta que Lefebvre faz menção no final do livro há um sujeito em situação, assumindo que de forma indireta remete aos princípios fenomenológicos de um sujeito pesquisador.

É possível destacar aqui, a ambição e o desejo de movimentar os autores, as epistemologias que Angelo Serpa possui, acredito ser um novo passo para com seus alunos e orientandos, problematizar e proliferar uma fenomenologia lefebvriana, desde que fortemente balizada por ontologias e epistemologias cruzadas. ☺

REFERÊNCIAS

DARDEL, Eric. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SANTOS, Milton. Os novos mundos da geografia. **Cadernos de Geociência**, n. 5, p. 21-30, 1996.